

# SER ECOLÓGICO



# SER ECOLÓGICO

TIMOTHY MORTON

*tradução* Maíra Mendes Galvão

quina





*Para Lindsay Bloxam e Paul Johnson*



## sumário

Introdução: Não é mais  
uma enxurrada de informações •• 11

1. E se você estiver vivendo em  
uma era de extinção em massa? •• 43
2. ...E o osso da coxa está ligado ao  
osso do depósito de resíduos tóxicos •• 71
3. Afinação •• 101
4. Uma breve história do  
pensamento ecológico •• 179

Agradecimentos •• 203

Notas •• 205

Índice onomástico •• 211



“A grama é dura e grumosa e úmida,  
e cheia de insetos pretos medonhos.”

Oscar Wilde



## **introdução**

Não é mais uma  
enxurrada de informações



Não está nem aí para ecologia? Você pode pensar que não, mas ainda assim está. Não se interessa por livros sobre ecologia? Este livro é para você.

Dá para entender: livros sobre ecologia às vezes trazem uma enxurrada de informações confusas, com data de validade vencida quando chegam em suas mãos. Esses livros dão tapas na sua cara para você se sentir mal. Agarram você pela camisa, enumerando fatos perturbadores aos berros. Apertam os beijos em agonia com um “e agora, o que vamos fazer?”. É propaganda de tipo luva de boxe com ferradura dentro. Este livro não tem nada disso. *Ser ecológico* não é palestrinha para a ecobolha. Foi feito para você: talvez você até esteja na bolha, mas só às vezes, ou talvez nem tenha ideia do que seja essa tal bolha, ou talvez não esteja nem aí. Pode ter certeza de que este livro não vai te alugar com palestrinha. Ele não traz fatos ecológicos, tampouco revelações chocantes sobre o mundo, nem conselhos políticos ou éticos, nenhuma visita guiada ao pensamento ecológico. No fundo, este é um livro bem inútil sobre ecologia. Mas por que escrever uma coisa tão “inútil” em um momento tão urgente? Nunca ouvi falar do aquecimento global? Por que você está se dando ao trabalho de ler isto, afinal? Bom, a verdade é que talvez você já tenha essa veia ecológica, mas ainda não se deu conta. E então me pergunta: como? Vamos começar e descobrir.

## **Do que vamos tratar neste livro**

Nesta introdução, vou expor o plano geral do livro. No primeiro capítulo, vou esboçar uma descrição sobre como nos sentimos em relação à época em que vivemos, a época da extinção em massa causada pelo aquecimento global. No segundo capítulo, vamos seguir analisando o objeto da conscientização e do pensamento ecológicos: a biosfera e suas interconexões. No terceiro capítulo, veremos alguns tipos de ações que contam como ecológicas. E no quarto, vamos explorar uma série de estilos atuais de ser ecológico.

Ao longo do caminho, vou familiarizando você com meu estilo de fazer filosofia. Se esse estilo fosse um filme dirigido por mim, o produtor seria a ontologia orientada a objetos de Graham Harman (tem mais sobre isso em breve), e seus produtores executivos seriam os filósofos Immanuel Kant e Martin Heidegger.

Por ora, nesta introdução, gostaria de mostrar que este não é um livro comum sobre ecologia, porque ele tenta com todas as forças evitar um modo retórico sedutor: aquele sermão para fazer todo mundo se sentir culpado. Como? Vamos começar com o fato de que este livro praticamente não apresenta fatos. Achei melhor admitir isso já de saída, antes que os críticos me apontem o dedo.

Quando você escreve um livro sobre ecologia, seja você um cientista falando sobre questões ecológicas ou não, a sensação é a de que você precisa apresentar um monte de fatos. Parece que é uma exigência do gênero, entendendo gênero aqui como um tipo de horizonte, um horizonte de expectativas. A nossa expectativa é a de que as tragédias nos façam sentir certas emoções (segundo Aristóteles, medo e piedade), e que as comédias nos façam rir. Existe um gênero de escrita que você encontra no seu passaporte. E certamente existe um gênero de discurso ecológico: vários gêneros, na verdade.

## **O Grande Outro está observando você**

Um gênero é um tipo de mundo ou *espaço de possibilidade*. Você pode fazer certos movimentos dentro desse espaço e, desde que fique dentro dele, você está realizando algo nesse modo *genérico*. Por exemplo, você provavelmente tem um jeito de ser quando está em uma festa e ele pode ser diferente do seu jeito de ser quando está em uma reunião de trabalho. Pode ser que você tenha um jeito de ler as notícias, e com certeza tem alguns jeitos de acompanhar (ou ignorar) as últimas tendências da moda.

Gêneros são bichos escorregadios. Eles têm a ver com o que algumas filosofias chamam de *Outro* – e quando você tenta apon-

tar diretamente para o outro, ele (ou ela, ou elu) some. O outro: a minha ideia da sua ideia da ideia dela da ideia delu da ideia dele da minha ideia da sua ideia... Se você algum dia já tocou numa banda, sabe o quanto esse conceito é periclitante. Se você compõe música pensando naquilo que você acha que as pessoas gostariam de ver nas lojas de discos, vai acabar paralisado pela indecisão. Isso porque o universo do outro é como uma rede ou teia de suposições, preconceitos e conceitos pré-formatados.

Existem conceitos pré-formatados que são óbvios para todos nós, ou pelo menos podem se tornar facilmente óbvios. Se você quiser saber que tipo de ravioli se faz em Florença, basta pesquisar. “Estilo florentino de ravioli” é algo que você pode descobrir; hoje em dia, é só jogar no Google. *Dar um Google* tem pelo menos um sentido em comum com essa ideia de gênero. Quando damos um Google em alguma coisa, muitas vezes estamos tentando ver o que o “outro” pensa sobre ela. O Google é como o outro, uma espécie de teia emaranhada de expectativas que está bem ali diante dos nossos olhos, ou do outro lado de todos os *links* que não tivemos tempo de clicar. *Nunca* teremos tempo de clicar em todos os *links* (à medida que o Google cresce, isso fica cada vez mais óbvio). Outra forma de dizer isso é que essa coisa estranha, o outro, é, de alguma forma, *estrutural*: não importa como você o acessa, nunca vai compreendê-lo diretamente. Parece que a função dele é sumir sempre que você tenta olhar diretamente para ele. Ao mesmo tempo, você tem aquela sensação de que ele está a sua volta: às vezes, é uma sensação bem perturbadora.

### Quem somos nós?

Vou utilizar *nós* várias vezes neste livro. Não pega muito bem dizer *nós* na minha área (acadêmica, de humanas). O que pega bem é explicitar ao máximo como as pessoas são diferentes, e dizer *nós* é considerado um atropelamento ou até apagamento dessas diferenças. Além disso, pronomes são coisas complicadas na era

ecológica: quantos seres se pode reunir na palavra *nós* e será que são todos humanos? Vou usar *nós* enquanto alguém consciente das políticas da diferença e também das políticas identitárias que as distorcem. Vou usar *nós* em parte para ressaltar que os seres responsáveis pelo aquecimento não são os cavalos marinhos: são humanos, seres como eu. Já passou da hora de encontrarmos um jeito de falar sobre a espécie humana, mas sem agir como se as últimas décadas de pensamento humano e política não tivessem existido. Certamente não podemos voltar a imaginar uma essência de “Homem” de tipo convencional por trás de nossas diferenças. Mas se não encontrarmos um jeito de dizer *nós*, alguém vai encontrar. E como disse o poeta romântico William Blake, “tenho de criar meu próprio sistema, ou ser escravizado pelo sistema de outro homem”.

### **Encarando fatos**

Sabemos que textos sobre ecologia – especialmente os que trazem informações científicas, como aqueles que às vezes encontramos no jornal, e com certeza aqueles em livros com títulos parecidos com o deste – precisam de muitos fatos. Muitos *dados*. Se você parar para pensar, vai perceber que esses dados são geralmente apresentados de um modo bem específico – acontece que ninguém está parando para pensar muito nisso. Esse “modo de apresentação de informações sobre ecologia” tem certo sabor, certo estilo, e ocorre dentro de um *espaço de possibilidade*. Uma das minhas tarefas enquanto acadêmico da área de humanas é tentar perceber esses espaços de possibilidade, especialmente se/ quando não temos muita consciência deles. Os espaços de possibilidade que não nos parecem tão óbvios podem exercer diversas formas de controle sobre nós, e pode ser que não queiramos essas formas de controle – ou, pelo menos, talvez seja bom ter uma ideia de quais são suas coordenadas. Pense na longa história do sexismo ou do racismo: eles afetaram nosso comportamento

de diversas maneiras sem nos darmos conta; e foi preciso um bocado de tempo e esforço de uma porção de gente diferente para que se tornassem óbvias aquelas formas de pensamento, premissas e comportamentos que estão por trás do preconceito e que chegam a fazer algumas pessoas acharem que não há nada de errado nisso.

Quais são as leis da gravidade dentro do espaço de possibilidade? Qual lado é para cima, qual é para baixo? O que é considerado errado, o que é certo? Quão longe se pode aventurar dentro desse espaço antes de passar a outro espaço? Por exemplo, até onde você consegue distorcer o estilo de apresentação de informações sobre ecologia antes de ele se transformar em outra coisa? Essa pode ser, na verdade, uma boa maneira de descobrir o que é um espaço de possibilidade, da mesma forma que para descobrir o que é um metal, é uma boa ideia derretê-lo, congelá-lo, disparar pulsos de energia nele, colocá-lo em um campo magnético e por aí vai: a velha imagem de morder uma moeda de ouro vem à cabeça. O mesmo acontece com a arte. Você pode descobrir o que é uma peça de teatro imaginando como seria possível distorcê-la até ela se tornar algo realmente diferente. Imagine o quão maluco seria, por exemplo, se você montasse uma produção de *Hamlet*, de Shakespeare, ambientada em Júpiter e com pessoas fantasiadas de hamsters. Ainda reconheceríamos essa produção como *Hamlet*?

Talvez as minhas intenções fiquem mais óbvias se eu escrever assim: este livro não possui *factoides*. Factoide é um fato sobre o qual sabemos alguma coisa: sabemos qual a cor, o sabor, sabemos que tem a aparência de um fato e que se comporta como um fato. Talvez até seja verdadeiro, ao menos em um e outro aspecto. Mas, ainda assim, tem algo estranho, parece que ele grita na nossa cara: “Veja bem. Eu sou um fato. Você não pode me ignorar. Eu caí do céu, estou bem aqui.” É curioso – um fato que foi criado para parecer que caiu do céu. Factoides são criados para parecer com aquilo que pensamos que os fatos deveriam ser – pensamos que os fatos não deveriam parecer que foram criados. Quando as pessoas usam factoides, nós nos sentimos manipulados por pedacinhos de

verdade que foram retirados de uma construção maior e mais verdadeira, como pequenos pedaços de bolo. Considere, por exemplo o *factoide* de que “existe um gene” para determinada característica. A maioria das pessoas entende que uma parte do seu código genético, do seu DNA, será a causa dessa característica. Mas quando você estuda teoria da evolução e genética, você descobre o *fato* de que *não existem “genes para” coisa alguma*. O *fato* é que as características emergem de reações complexas entre a expressão do DNA e o ambiente em que o DNA está sendo expresso. Só porque você tem um DNA que está associado a certo tipo de câncer, não quer dizer que você vá tê-lo. Mas saímos repetindo por aí o *factoide* de que “existe um gene para este ou aquele câncer”.

### Como falamos sobre ecologia entre nós

Na mídia, o modo de apresentação de informações sobre ecologia consiste, quase sempre, naquilo que chamaríamos de *enxurrada de informações*. Pelo menos um *factoide* – e, frequentemente, um caldeirão cheio de *factoides* – parece estar caindo sobre nossas cabeças. E essa enxurrada tem um traço autoritário: o modo de apresentação parece estar dizendo “*Não questione isto*” ou até mesmo “*Você deveria se sentir muito mal se questionar isto*”. Em particular, o “modo de informação sobre o aquecimento global” consiste em despejar um caldeirão de fatos sobre nós. Por quê? Essa é outra forma de dizer “*Quais movimentos conseguimos realizar dentro do espaço de possibilidade do ‘modo de informação sobre o aquecimento global’?*” O que é uma forma meio complexa de dizer “*A que gênero pertence o modo de informação sobre o aquecimento global?*” Qual o caminho correto? Como deveríamos nos sentir? Que tipo de apresentação da informação destruiria esse modo? E por aí vai.

O fato de não termos uma resposta pronta para essa pergunta, a menos que sejamos negacionistas do aquecimento global, deveria nos chamar a atenção. Os negacionistas são bem claros: esse

modo está tentando me convencer de algo em que não quero acreditar. Estão me enfiando uma crença goela abaixo. Por que nós todos não nos sentimos assim? Quando nos sentimos ecologicamente corretos, afastamos essas pessoas que acham que estão sendo vítimas dessa enxurrada, na expectativa de fazer com que elas sintam alguma coisa: uma culpa grosseira que levaria a uma crença grosseira, talvez. Esta não é uma guerra de crenças: esta é a verdade. “Que droga, Sr. Negacionista! Por que você não entende?”

Apesar daquilo que os factoides dão a entender, nenhum fato simplesmente cai do céu. Existe todo um contexto em que o fato pode surgir; do contrário, ele simplesmente não tem como ser visto. Pense em algo que talvez você não diga toda hora, caso tenha nascido no mundo ocidental: *Meus ancestrais estão decepcionados porque estou escrevendo este livro*. Em que mundo essa afirmação faz sentido? O que você precisa saber, o que precisa esperar? O que conta como certo e errado neste mundo? Precisamos de todo tipo de suposições sobre o que é a realidade, sobre o que conta como real, o que conta como existente, o que conta como correto e incorreto. Pensar nesses tipos de suposições pode ser feito de muitas maneiras; em filosofia, um jeito se chama *ontologia*, outro se chama *epistemologia*. Ontologia é o estudo de como as coisas existem. Epistemologia é o estudo de como sabemos as coisas.

Além da ideia de que fatos adquirem sentido dentro de certos contextos de interpretação, existem perguntas que você pode responder com facilidade quando estuda arte, música ou literatura. São perguntas do tipo: *Como este modo quer que você leia esta informação? Como você demonstra que a recebeu do jeito “certo”?* Você não olha de lado para uma pintura renascentista que usa a técnica da perspectiva. Basicamente, você precisa ficar bem na frente do ponto de fuga, a uma certa distância, para que a ilusão 3D faça sentido. A pintura determina o posicionamento, o poema pede para ser lido de uma certa maneira: assim como uma garrafa de Coca-Cola “quer” que você a segure de certa maneira, um martelo parece se encaixar direito na sua mão... Muito daquilo que às

vezes é chamado de teoria da ideologia refere-se a como você é coagido a lidar com um poema, uma pintura, um discurso político, um conceito, de uma maneira específica.

Todos os tipos de ontologia e epistemologia (e ideologia) estão implícitos no modo de enxurrada de informações sobre ecologia, mas raramente paramos para pensar quais são. Temos vontade de despejar o caldeirão de informações ou que o despejem em cima de nós. Mas por quê, afinal? Por que não queremos nem mesmo fazer uma pausa e pensar um pouco? Estamos com medo de encontrar alguma coisa? Temos medo de encontrar o que? Por que ficamos tão irritados e saímos por aí dizendo “*Por que esses negacionistas não entendem?*” ou “*Por que é que meu vizinho não se preocupa tanto quanto eu com tudo isso?*” O modo de enxurrada de informações sobre ecologia é sintoma de algo maior que os seus sentimentos sobre aquilo que você lê no jornal.

Uma forma de tomar distância para enxergar melhor e fazer essas perguntas novamente seria dizer algo do tipo: *Como estamos vivenciando os dados ecológicos? Gostamos deles? Se a resposta for não, o que desejamos fazer em relação a isso?* Este livro, *Ser ecológico*, é sobre como *vivenciar* o conhecimento ecológico. Parece que só saber das coisas não é suficiente. “Só saber das coisas” nunca é só saber das coisas, de acordo com aquilo que estou tentando defender. “Só saber das coisas” também é uma forma de vivenciar as coisas. E saber que existe uma forma de vivenciar as coisas implica que haveria outras formas. Se você tem tragédia, consegue imaginar o que seria comédia. Se você mora em Nova York, consegue imaginar como seria morar em não-Nova York.

Ao que parece, existem várias maneiras de vivenciar o conhecimento ecológico. Pensemos em como é ser um *hippie*, algo vagamente familiar para mim. Ser *hippie* é todo um modo de viver, todo um estilo. Mas ser *hippie* é obrigatório como forma de vivenciar as informações ecológicas? Pense na internet. Antes de um número absurdo de pessoas ter acesso a ela, havia duas ou três formas de vivenciar a internet. Havia, por exemplo, o modo divertido,

lúdico, experimental, anárquico ou libertário pelo qual a ideia da internet seria nos fazer sentir que nossas identidades podiam ser maleáveis ou líquidas. E aí aconteceu uma coisa estranha. Várias pessoas passaram a ter internet e boa parte da internet se tornou um espaço coercitivo, autoritário, onde você tinha de ter uma das três opiniões aceitáveis ou se arriscar a ser atacado por uma turba de tuiteiros te julgando como a passarinhada descendo no posto de gasolina no filme *Os pássaros* de Alfred Hitchcock. Não vou discutir o porquê nem como isso aconteceu, mas você sabe do que estou falando.

*Ser ecológico* procura espiar as engrenagens por trás do nosso jeito de falar sobre ecologia. Acho que o modo principal – o de simplesmente despejar dados sobre nós – está, na verdade, *inibindo* uma forma mais genuína de lidar com o conhecimento ecológico. Existem melhores maneiras de viver isso tudo do que essa que temos, e sequer *sabemos* que estamos vivendo isso agora. Somos como as pessoas que caem em padrões habituais e seguem repetindo a mesma coisa sem se dar conta. É como se estivéssemos na frente da pia lavando as mãos compulsivamente a toda hora, mas sem ter a menor ideia de como chegamos ali.

Os fatos estão sempre se tornando obsoletos, especialmente os fatos ecológicos, e especialmente, entre eles, os fatos sobre o aquecimento global, que são notoriamente multidimensionais e escaláveis para todos os tipos de temporalidades e todos os tipos de cenários. Despejar informações em nós mesmos todo dia ou toda semana pode ser muito confuso e árduo. Imagine a coisa de outro ângulo. Imagine que estamos *sonhando*. Que tipo de sonho seria aquele em que os personagens e a trama variam, às vezes de maneira significativa, mas seu impacto geral – o ponto onde o sonho nos deixa, seu colorido geral ou o tom ou ponto de vista (ou seja o que for) – continuaria o mesmo? Temos aqui uma boa analogia com o mundo dos sonhos: os sonhos de trauma dos portadores de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT ou PTSD).